

anima

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas
2012

n. 1/2 janeiro/fevereiro

NOS SULCOS

DOS 140 ANOS





Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi
Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello
Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein
Maria Pia Giudici • Palma Lionetti
Anna Mariani • Adriana Nepi
• Maria Perentaler
Loli Ruiz Perez • Paola Pignatelli
Debbie Ponsaran • Maria Rossi
Bernadette Sangma • Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud
japonês • inspetoria japonesa
inglês • Louise Passero
polonês • Janina Stankiewicz
português • Maria Aparecida Nunes
espanhol • Amparo Contreras Alvarez
alemão • inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma – c.c.p. 47272000
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96
Filial de Roma

n. 1/2 janeiro-fevereiro de 2012

Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide 11 00181 Roma
USPI – Unione Stampa Periodica Italiana

Edição em Português

SUMÁRIO

EDITORIAL	<i>Fazer memória, viver a profecia</i> <i>Madre Yvonne Reungoat</i>	4
DOSSIÊ	<i>Nos sulcos dos 140 anos</i>	5
	<i>Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos</i>	
ENCONTROS	<i>Dom Bosco e as Filhas da Imaculada</i>	10
COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	<i>Associação Valponasca</i>	12
CONSTRUIR A PAZ	<i>Um mundo em conflito</i>	13
FIO DE ARIADNE	<i>Criatividade</i>	15
	<i>Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos</i>	
CULTURAS	<i>Acredito nos jovens porque...</i>	19
PASTORALMENTE	<i>Oratório: uma paixão</i>	20
MULHERES NO CONTEXTO	<i>Mulheres fiéis</i>	22
MOSAICO	<i>Questões de religião e de direitos humanos</i>	23
	<i>Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia</i>	
COMUNICAÇÃO E VERDADE	<i>Dentro e fora da rede</i>	24
A MIM AS CONFIAS	<i>Este é o meu lugar</i>	26
VÍDEO	<i>O jovem de bicicleta</i>	27
ESTANTE	<i>Comentários vídeos e livros</i>	29
LIVRO	<i>Nada é mais intacto do que um coração partido</i>	30
140 ANOS DE HISTÓRIA		32

EDJTORJAL



Fazer memória Viver a profecia

Madre Yvonne Reungoat



Tenho a alegria de introduzir uma temática que está particularmente no meu coração.

Memória e profecia é o tema que a Revista *Da mihi animas* tenciona propor para o ano de 2012. Fazer memória significa ir às raízes, às origens. Para nós, as origens carismáticas. A vida cresce sobre o passado e é mesclada de novidades, de desafios e oportunidades inéditas.

Ser fiéis às origens é reatualizar o carisma, é colorir o *desenho esboçado* por Dom Bosco e retocado ao feminino por Madre Mazzarello.

Fazer memória é atitude propriamente eucarística. Jesus confia à *memória* a celebração do mistério de sua morte-ressurreição até que Ele venha.

Não há futuro sem raízes. Os jovens de hoje parecem ter perdido a memória e se extraviado da necessidade de colocar-se no caminho das gerações precedentes. Vivem um tanto desenraizados e em suspense o que os torna inquietos, hesitantes ao assumir compromissos para o futuro. Uma situação que poderia tocar também as nossas comunidades. Se nos afastamos da *fonte* não somos mais capazes de colocar-nos na genealogia das pessoas que construíram o presente. Edificar bem o hoje é preparar o futuro dos jovens.

Viver a profecia é ser fiéis a Deus que nos acompanha ao longo do tempo, é memória que se projeta no futuro, é obediência ao amor que se torna escuta de pessoas, eventos e situações que continuamente nos interpelam.

A profecia está presente desde as nossas origens. Adaptar-se, evoluir, olhar para a frente não é só um imperativo do nosso tempo. É a história de cada vida humana que não se contenta em ser repetitiva, mas que procura acolher a novidade nos eventos permitidos por Deus através das circunstâncias.

Este ano ocorre o 140º aniversário do Instituto e na memória emerge o seu caminho de santidade, que é fidelidade criativa. Quantas mudanças Maria Domingas teve de enfrentar em sua vida! Ela pôde fazê-lo porque girava em torno de um centro capaz de unificar as diversas experiências: o chamado misterioso – *A ti as confio* – era princípio organizador que dava sentido às mudanças e facilitava sua integração harmônica. Também hoje somos chamadas a ser fiéis à história, a um passado de santidade que é premissa para um futuro rico de esperança. Dialogar, escutar, projetar, relatar, reapaixonar-nos: são os verbos que com humildade e audácia queremos conjugar no hoje histórico que nos é dado viver.

As páginas do *DMA* nos ajudarão a fazê-lo.

Nos sulcos dos 140 anos

Giuseppina Teruggi

«Nossa experiência vocacional insere-se nos sulcos cavados por quem nos precedeu na história da salvação e por gerações de irmãs que, através de modalidades e tempos diferentes, realizaram a aliança de amor com Jesus dedicando-se, como Dom Bosco e Madre Mazzarello, à missão de evangelizar educando» (*Projeto formativo, 5*).

O hoje de Mornese

O Projeto formativo evoca imagens de sulcos, estradas, caminhos, na ótica da aliança, pacto de Amor da fidelidade de Deus *de geração em geração*.

Também o hoje da nossa história continua esta ininterrupta sementeira em sulcos fecundos ou apenas lavrados, em torrões ásperos ou em uma terra promissora. O sulco aberto em Mornese ainda acolhe a semente, produz brotos, dá fruto. Porque é orvalhado pela brisa do Espírito, guardado pela ajuda de Maria, cultivado por milhares de irmãs que colaboram para a sua fecundidade.

O que significa *atualizar Mornese*? Perguntamos recentemente a algumas irmãs. Madre Antônia Colombo compartilha a convicção de que é «a fidelidade criativa que torna atual o espírito de Mornese nas diversas modalidades exigidas pelo ambiente no qual atuamos. A fidelidade supõe conhecimento e amor: conhecimento das origens da nossa família religiosa, do contexto cultural em que ela nasce e se desenvolve, em resposta a um surpreendente chamado de Deus que encontra no amor a força para superar as dificuldades, aceitando mudanças e imprevistos. Daí a coragem humilde para novas realizações que são criativas com relação ao passado, mas fiéis ao espírito das origens».

Para uma irmã africana, Ir. Chantal, é essencial «tornar Mornese presente, reavivando em nós o espírito que animava as primeiras Irmãs e vivê-lo concretamente no dia a dia. Torná-lo atual em nossas vidas, nas comunidades e na missão, certas de que também nós, não obstante as diferenças sociais e culturais e os desafios do nosso tempo, podemos fazer da nossa casa a casa *do amor de Deus*».

Ir. Marilena, italiana, afirma que «o hoje de Mornese é fazer reviver em nossas casas o espírito de unidade, fé, caridade, abandono confiante em Deus, alegria profunda e humildade. É ter a coragem da santidade e acreditar que também hoje é possível fazer de cada comunidade a *casa do amor de Deus*».

Segundo Ir. Edna Mary, da Oceania, «...é voltar constantemente às fontes do nosso patrimônio e colocá-las em relação com a realidade da vida concreta cotidiana. Uma das fontes essenciais que sustenta a minha espiritualidade de FMA é constituída pelas *Cartas* de Maria D. Mazzarello. Nelas encontrei tesouros numerosos que permitem a todas nós, onde quer que vivamos, qualquer que seja a nossa idade, “atualizar” Mornese de modo autêntico».

É importante «trazer de volta o ambiente de Mornese para a Família Salesiana – afirma Ir. Glorina, irmã asiática – para as comunidades educativas e para a vida de cada uma de nós fma não só fazendo memória, mas permitindo que o espírito de Mornese flua em nossas veias. Trata-se de animar cada dia com o fogo do amor, nas suas expressões de sacrifício, disponibilidade, confiança, perdão, aceitação, compreensão e, sobretudo, com a coragem da verdade».

Ir. Adair, da América, afirma que «hoje é necessário ‘atualizar’ Mornese. Mas como? Fazendo de modo que aquelas experiências educativas e evangelizadoras nascidas em uma pequena cidade, adequadas às necessidades e às realidades locais, se expandam para os novos ‘areópagos’ da cultura juvenil, para os novos contextos do mundo globalizado. Ainda mais: que diante dos desafios e complexidades da vida hodierna, saibamos adequar métodos e conteúdos, educar e formar os jovens a fim de que possam fazer a experiência do amor de Deus, seguir os valores do

Sistema Preventivo e assim contribuir para a construção de uma sociedade mais humana, ética, justa e solidária».

Tempo de memória

Atualizar Mornese é *fazer memória* das raízes carismáticas, de uma história singular que se prolonga no tempo. *Fazer memória* não quer dizer apenas lembrar, nem mesmo comemorar. Significa, antes, *fazer a releitura de eventos, pessoas, testemunhos trazendo-os ao presente*, tornando-os atuais, próximos, fazendo de modo que, com uma linguagem inculturada possam transmitir lembranças e estímulos, aproximar do que aconteceu no passado, numa ótica de futuro.

Isso reconduz à atitude tipicamente eucarística de ritualização e de projeção rumo às promessas do que acontecerá nos tempos vindouros. Quando celebramos a Eucaristia, justamente porque fazemos memória, não podemos deixar de olhar na perspectiva para a qual ela nos conduz: a Eucaristia eterna, quando em Cristo ressuscitaremos e viveremos uma dimensão de plenitude e de comunhão com Deus que hoje nem mesmo conseguimos imaginar.

Na comunhão eucarística, não nos detemos no presente e nem ficamos lembrando apenas o passado, mas nos orientamos para aquele futuro que é o eterno presente.

Agnese Moro, filha de um grande estadista italiano, revelou que «para fazer Memória é preciso conhecer, compreender, julgar, para depois escolher. Eu penso que, nas festas celebrativas de certos eventos, deve-se parar e reacender a participação». É necessário parar para fazer memória. Para além dos momentos celebrativos, que também são um 'sinal' de compartilhamento e de reafirmação de algo grande a ser agradecido, no estupor de tudo quanto o Espírito continua a construir na história.

Saber como parar: para superar a sobreposição de fragmentos que enchem os dias e capturam as nossas melhores energias. E recuperar, no silêncio, as vozes mais intensas da história, do que nos foi transmitido. Por isso é essencial conhecer e compreender, perguntar-se em profundidade o que o passado pôde iluminar em ordem às escolhas de hoje. O ato de fazer memória é fecundo quando se traduz em empenho, torna-se escolha de fidelidade audaz no hoje, transforma-se em síntese vital que conecte o passado, o presente, o futuro. É importante perguntar-se o que significa relembrar tudo quanto Maria Mazzarello e as primeiras irmãs de Mornese experimentaram e viveram ao encarnarem uma identidade carismática que, depois de 140 anos, está viva e fortemente atual.

Tempo de fidelidade dinâmica

A memória do 140º aniversário do Instituto é uma entrega de fidelidade. Dimensão que nos faz olhar o "tempo" como um hoje que se dilata e conecta em um *continuum* o passado e o futuro.

Dietrich Bonhoeffer perguntava-se: «A perda da memória moral não é, talvez, o motivo do esvaziamento de todos os vínculos, o do amor, o do matrimônio, o da amizade, o da fidelidade? Nada permanece, nada cria raízes. Tudo a curto prazo, tudo com fôlego curto. Mas, valores como a justiça, a verdade, a beleza e, em geral, todas as grandes realizações, requerem tempo, estabilidade, "memória", caso contrário degeneram».

Reviver com entusiasmo a intuição evangélica dos Fundadores; fazer memória de tantas irmãs que viveram com alegria a mesma intuição; reconhecer a riqueza do quanto se construiu em 140 anos de história; dar a própria contribuição inculturada no contexto de hoje: a isso podemos chamar de *fidelidade*.

Uma atitude que estimula a viver o carisma integralmente, mas de formas diversas, com expressões e sinais novos, adequados aos tempos e às culturas. Porquanto a fidelidade é um caminho que sempre se renova. Mesmo cientes de que hoje, na sociedade denominada "líquida", a fidelidade está frequentemente ameaçada: muitos não a consideram um valor e, sobretudo nos jovens, é difícil construir a mentalidade da fidelidade, imersos como estamos no provisório, na fragmentação, na mutação.

O filósofo Martin Heidegger no seu relato "*O caminho do campo*", comenta que o caminho se torna o guia do caminhante. Enquanto caminhamos, vemos a paisagem modificar-se e recolhemos

o que ela nos oferece. Assim, ser fiel é estar sempre a caminho, respondendo aos novos apelos com a sabedoria de quem continua na mesma caminhada. Quem envereda por um caminho já avançado, tem um pedaço de estrada já feito. Quem já faz tempo que está no caminho, pode reconhecer as novidades que ele oferece. As paradas são para repousar, não para interromper a viagem. Cada fidelidade comporta esforços, incertezas, decepções. Às vezes reconhecemos que a resposta é parcial, fraca, incoerente: mas nem por isso a aliança do amor de Deus diminui. Sua fidelidade permanece para sempre, fundamenta e sustenta a nossa fidelidade. Estimula a renovar com maior vigor a vontade de ir adiante, não obstante a fadiga. O caminho se faz caminhando e se reforça na medida em que se apoia sobre uma mística e uma acética, nas quais o Deus fiel é a referência constante.

Tempo de fidelidade criativa

Fiéis a Deus que nos chamou; fiéis ao carisma e à Regra de vida que o concretiza; fiéis aos jovens; fiéis à história.

Fiéis *como?*

A fidelidade, bem sabemos, não é repetir ou refazer aquilo que os Fundadores fizeram, mas discernir e atuar o que fariam hoje, na fidelidade ao Espírito, para responder às exigências educativas do nosso tempo. É o que entendemos por *fidelidade criativa*, que não pode inspirar-se em indicações genéricas, mas que se constrói na vida concreta, em um precioso contexto histórico, na atenção aos "sinais dos tempos", aqui e agora. É o grande desafio pelo qual nos sentimos interpelados.

Um olhar para o rosto do Instituto hoje, permite constatar muitos sinais de fidelidade criativa, não só nas numerosas realizações e nas obras às quais nos dedicamos, mas também nos caminhos de autêntica conversão que se colhem no testemunho genuíno e simples de irmãs de todas as idades, debaixo de todos os céus. Às vezes elas se exprimem com passos imperceptíveis, marcados por ritmos lentos e desgastantes, mas progressivos e verdadeiros. Porquanto muitas vezes 'o essencial é invisível aos olhos' e só 'um coração que vê' colhe as transformações interiores que o Espírito realiza quando o cotidiano é tecido pela docilidade e a fidelidade.

A partir das avaliações pessoais e comunitárias descobrimos também que é necessário "com coragem, reencontrar a audácia, a criatividade e a santidade dos Fundadores, como resposta aos sinais dos tempos" (VC 37). Quando consideramos a fidelidade criativa, sentimos-nos provocadas por muitas perguntas. Estamos procurando criar algo novo na missão educativa, com as/os jovens, as/os leigos com que trabalhamos? Sabemos ser 'boas administradoras' mas sem impulso inovador? Somos sensíveis ao que está nascendo na Igreja, no mundo, na nova cultura que nos envolve?

Como fazemos para dinamizar o conhecimento, o espírito de iniciativa, a ação criativa? Procuramos a tranquilidade das coisas que vão bem ou aceitamos a inquietação que provém de uma busca em profundidade?

Há tantos modos de entender *fidelidade criativa*. Cada fma poderia expressar o seu ponto de vista. Para Ir. Glorina é consentir ao carisma encarnar-se em cada cultura em base aos sinais dos tempos e às exigências dos jovens. «Não vejo a hora – diz – que cada FMA seja capaz de encarnar o carisma do Fundador na sua realidade e de atualizar o 'seu' carisma em sintonia com o carisma do Fundador. Sonho já realizado em Maria Mazzarello, Ir. Eusébia, Ir. Teresa Valsé, Ir. Maria Troncatti e tantas outras irmãs.

O carisma do Fundador tem sido magnificamente realizado de vários modos nas diversas partes do mundo».

Ir. Adair diz que a fidelidade criativa consiste em «manter viva a tradição, em recebê-la e levá-la adiante dinamicamente.

A tradição é alguma coisa de humano, é a possibilidade de existir e de fazer caminho. Mas não se pode hibernar a tradição.

A realidade obriga-nos a modificá-la e por isso é necessário o choque com a inovação.

Inovar é ir adiante, é criar alguma coisa que ainda não existe, é descobrir uma nova brecha e é a tradição que nos oferece o material para inovar. Tradição sem inovação nada transmite e inovação sem tradição não tem solidez».

«Não posso ser fiel a uma vida estática», diz Ir. Edna Mary. «Fidelidade criativa é dinamismo, inventividade, criatividade, desenvoltura, visão, coragem, assunção de risco... Inovação, não repetição. Repetir é conscentrar-se no passado. Ser inovadoras significa permitir-nos ser iluminadas pelo passado, no presente para o futuro. Assim, olho para trás e vejo os Bechi, Turim, os Mazzarelli, a Valponasca, Mornese, Nizza a fim de ser iluminada no presente para o futuro».

Ir. Marilena sublinha que é «ler a realidade hodierna com os olhos do nosso tempo e com o coração dos Fundadores, para procurar como eles o caminho de salvação para os jovens. É encontrar nos valores fundamentais da pedagogia educativa e no caminho espiritual traçado por Dom Bosco e Madre Mazzarello uma resposta eficaz e corajosa às pobreza de hoje».

Ir. Chantal observa que a expressão 'fidelidade criativa' lembra «o valor do carisma e da espiritualidade do Instituto aos quais sou chamada a ser sempre fiel, não obstante as mudanças culturais e sociais. Ser fiel é saber captar, na mudança dos tempos, os elementos fundamentais do carisma e aplicá-los, com criatividade, adaptando-os às necessidades e às exigências da sociedade de hoje. Significa ir adiante rumo às novas fronteiras com coragem, enfrentando os desafios, sem medo, na certeza de que o Senhor está conosco».

Tempo de mística e profecia

Este ano fazemos memória dos 50 anos do Concílio Vaticano II, iniciado em 11 de outubro de 1962. Um evento eclesial que deixou para a vida consagrada o apelo a um sério retorno às origens carismáticas dos Fundadores, para reencontrar as raízes da 'perfeita caridade', da missão, para voltar às fontes do 'primeiro amor'. O apelo do Concílio torna-se urgente hoje. Constitui uma prioridade para nós fma, chamadas a expressar com a vida que "acima de tudo está o Amor", num caminho de conversão contínua.

Em um encontro de Superiores gerais, P. Bruno Secondin observou que «na memória herdada, temos uma alta taxa de *mística e profecia*: toca a nós hoje voltar a pôr esta herança em jogo».

Trata-se de um jogo que nos compromete em nível pessoal e comunitário, que nos leva à gratidão, à constância, à gratuidade, a uma "determinada determinação" para enfrentar as fadigas e as alegrias do cotidiano.

Acolhamos o desafio que nos vem da *Declaração final da Sessão Plenária das Superiores* reunidas em Roma, em maio de 2010, da qual extraímos algumas expressões próximas ao nosso carisma. Nós acreditamos que «o futuro da vida religiosa feminina está na *força da sua mística e da sua profecia e nos empenhamos a:*

- Abrir os olhos para descobrir novos caminhos de luz nas trevas do nosso mundo: a situação precária das mulheres, o desconforto existencial de muitos jovens, as consequências das guerras e das catástrofes naturais, a extrema pobreza que gera a violência.
- Oferecer, como mulheres consagradas, um ministério de compaixão e de cura.
- Trabalhar em rede, em nível local e global.
- Superar os limites dos nossos respectivos carismas e unir-nos para oferecer ao mundo uma palavra mística e profética.
- Dialogar na verdade com a Igreja, em todos os níveis da sua hierarquia, para um reconhecimento mais amplo do papel da mulher.

gteruggi@cgfma.org

Para você, o que significa celebrar 140 anos de história?

«Estes 140 anos são uma mensagem da variedade infinita de experiências humanas, cristãs e religiosas vividas por milhares de mulheres no mundo todo, porque faz 140 anos que um grupo de mulheres, guiadas por M. D. Mazzarello em Mornese, pronunciaram o seu 'sim' incondicional a Deus que as conduziu e as chamou pelo nome.

Esta mensagem é o acúmulo de uma miríade de biografias, cada uma delas brilhante, única, capaz de proclamar a glória do Deus encarnado na vida de cada Irmã, em cada evento que, iniciado pelos Fundadores, chega até nós, hoje, e se prolonga rumo ao futuro».

(FMA da Oceania)

140 anos de história: «...para conhecer a fundo as raízes do meu Instituto, acompanhar o seu desenvolvimento e inspirar-me na vida das primeiras Irmãs e de todas as que me precederam, para o bem da minha vida, da minha comunidade, das nossas comunidades. É reconhecer e agradecer a mão da Providência que acompanhou as Irmãs nas fadigas e nos desafios enfrentados durante as várias fases de desenvolvimento do Instituto».

(FMA da África)

«...tem um imenso significado: é uma longa história de intervenção concreta de Deus, que se faz vivo na vida de tantas consagradas FMA, que vivem para servir, amar e salvar muitas e muitos jovens, em grande parte do mundo. Milhares de jovens e pessoas já foram acolhidos, protegidos, amados, formados e abençoados nas nossas obras.

É incalculável o bem, a bondade, a beleza semeada nos seus corações.

Quantos espaços de formação e evangelização construídos ao longo desses anos o que demonstra a excelência dos cuidados, a eficácia da organização e a partilha generosa dos bens recebidos».

(FMA da América)

«É uma celebração oportuna, porquanto hoje nosso número cresceu de 11 para quase 14.000 irmãs, que trabalham em 94 nações de 5 Continentes. É o momento de *lembrar, renovar e nos alegrar com as maravilhas que vivenciamos na Família Salesiana, em nossas comunidades educativas, em nossas vidas*».

(FMA da Ásia)

«...quer dizer reconhecer a presença do Espírito Santo em nossa história e no carisma salesiano.

É fazer memória e render graças, pois, das humildes raízes da terra mornesina cresceu uma árvore fecunda de vida e de graça. É celebrar a santidade das irmãs que nos precederam e que contribuíram com a riqueza de sua existência para dar um rosto ao monumento vivo de agradecimento a Maria Auxiliadora».

(FMA da Europa)

«Em síntese: *agradecimento, responsabilidade pessoal e comunitária diante do carisma!* Sinto-me plenamente em sintonia com o convite da Madre para "contemplar com reconhecimento renovado o projeto de Deus que teve início em Mornese em 1872 e do qual, por um dom gratuito, somos parte vital" (C 920). É fazer memória com gratidão!».

(M. Antônia Colombo)

Encontros de Dom Bosco com as Filhas da Imaculada

Piera Cavaglià

Com esta reflexão começamos a série dos encontros de Dom Bosco com Maria Domingas Mazzarello. Será evidenciada a riqueza do seu dom recíproco no evento da fundação do Instituto FMA, que tem a sua gênese no grupo das Filhas de Maria Imaculada de Mornese (FMI).

Convergência de duas experiências autônomas

Naqueles mesmos anos em que Dom Bosco dá fundamento à Congregação Salesiana (anos '60'-70), outro projeto perfila-se no horizonte: a educação das meninas.

Enquanto em Valdocco ele se preocupa com a formação dos seus primeiros colaboradores, em Mornese encontra um grupo de jovens mulheres já consagradas a Deus e guiadas por um Salesiano, Dom Domênico Pestarino, discípulo do Frassinetti.

O Instituto surge graças a dois movimentos autônomos e convergentes, igualmente necessários no sentido histórico para a sua existência e sua espiritualidade específica.

Dom Bosco percebe o chamado de Deus e ao mesmo tempo a Providência lhe prepara o caminho com um grupo mariano iniciado em Mornese no dia 9 de dezembro de 1855.

A Associação é para aquelas jovens o lugar em que se harmonizam duas dimensões da espiritualidade salesiana: a busca exclusiva de Deus e o ardor apostólico.

A primeira mensagem de Dom Bosco às FMI

Desde o primeiro encontro de Dom Domênico Pestarino com Dom Bosco (1861/62) aquele grupo de jovens começa a gravitar sempre mais na órbita salesiana. Ir. Petronilla Mazzarello lembrava que em 1863 Dom Bosco havia mandado para as FMI uma medalha de Nossa Senhora e uma mensagem: «*Rezem, mas façam todo o bem possível, especialmente para a juventude e façam o possível para impedir o pecado, mesmo que seja um só pecado venial*».¹

Dom Bosco traçava um caminho sobre as trilhas da preventividade educativa onde oração e ação eram inseparáveis. A resposta de Maria Domingas àquela mensagem é pronta e incondicional: em breve acolhe duas órfãs, aluga duas salas, modifica seus hábitos de vida e se dedica à educação das meninas com um estilo semelhante ao de Dom Bosco, a ponto de o novo gênero de vida suscitar críticas e oposições entre as FMI. O Espírito está fazendo surgir um broto novo num tronco antigo.

As escavações para a construção de dois “templos”

Enquanto em 1864, em Turim, iniciam-se as escavações para a construção da Igreja dedicada à Auxiliadora,² em Mornese começa-se a construção do Colégio que se tornará a primeira casa daquele “monumento vivo” a Maria Auxiliadora que silenciosamente estava se preparando. O primeiro encontro pessoal das FMI com Dom Bosco realiza-se em 8 de outubro de 1864, ano em que Maria e Petronilla haviam decidido separar-se da família para formar uma pequena comunidade com as meninas e as jovens a serem educadas. O impacto causado pelo encontro com o futuro Fundador e sua aproximação familiar com os jovens são decisivos. Maria Domingas fica fascinada e confia:

¹ Cronistoria I 118.

² Cf MB VII 652.



*«Dom Bosco é um santo, é um santo: e eu o sinto!».*³

Quando um grupo de FMI, incluindo Maria Domingas, decide transferir-se para a Casa “Imaculada” em 1867, Dom Bosco com muito realismo indica os critérios: as jovens deverão ser economicamente autônomas, mantendo-se com o seu trabalho.

Delineava-se aos poucos uma incipiente comunidade educativa. Eram expressões disso a crescente dedicação pela formação das jovens no intuito de prepará-las à vida adulta, através do trabalho, e a educação ao conhecimento e ao amor de Deus.

Intervenções que preparam a nova fundação

Dom Bosco cuida do novo projeto em gestação. Os encontros tornam-se mais frequentes e almejados. No dia 9 de dezembro de 1867 ele chega a Mornese, onde faz uma conferência para as FMI e no dia 13 abençoa a capela do novo colégio. Repete muitas vezes às jovens: *«Sejam alegres, sejam alegres, pois Nossa Senhora as quer bem!»*.⁴

Naquela casa, «até as paredes pareciam respirar felicidade» tão vivo estava, em todas, o entusiasmo para o novo apostolado, apesar das provações, da pobreza, dos conflitos. Por sugestão de Dom Bosco Maria Domingas é eleita superiora. Ele retorna a Mornese, a convite de Dom Pestarino, em 19 de abril de 1869 e permanece lá até o dia 22. «Falou às Filhas» - notifica a Cronistória referindo-se também a uma espécie de Horário que ele enviará sucessivamente às jovens.⁵ Deste Horário não se conserva o original, mas era lembrado pelas primeiras irmãs que o transmitiram nas linhas de apoio: depois do horário para o dia de trabalho, havia alguns conselhos que exprimiam a espiritualidade salesiana e antecipavam aspectos essenciais do estilo de vida das futuras religiosas.

Em 9 de maio de 1870, Dom Bosco estava em Mornese, por ocasião da primeira Missa do sobrinho de Dom Pestarino. Encontrou várias vezes, naqueles dias, as FMI. No mês de abril de 1871 ainda voltou lá e cada vez aprofundava mais o conhecimento das jovens apóstolas, sobretudo de Maria Domingas, enquanto se comprazia com sua presença educativa entre as jovens. Fez acordos com Dom Pestarino acerca das necessárias adaptações da casa Carante especialmente porque já havia decidido destinar o colégio às FMI.⁶

pcavaglia@cgfma.org

³ Cronistoria I 150.

⁴ Ivi 204.

⁵ Ivi 224-225

⁶ Cf Ivi I 236-240.

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Associação Valponasca

A Redação

Nesta rubrica são apresentados alguns projetos inspirados na proposta da Cooperação e Desenvolvimento aplicada ao campo da educação, dos direitos humanos, do trabalho cooperativo, da mulher, das populações indígenas, do ambiente e do microcrédito.

Neste primeiro número apresentamos a *Associação Valponasca*, uma organização sem finalidade lucrativa com sede social em León, promovida pela inspetoria fma, "*Virgem do Caminho*". Trabalha no campo da participação social e tem como finalidade a promoção integral de meninas e meninos, jovens, mulheres, migrantes e famílias em risco ou em situações de exclusão social.

São os seguintes os princípios sobre os quais a Associação fundamenta sua ação: a promoção integral da pessoa através da prevenção, da educação e da formação; um estilo educativo de aproximação, que aposta na continuidade com suas participações; uma atenção sócio-educativa à formação e à inserção sócio-ocupacional; o fortalecimento do voluntariado como opção pessoal e social. Não falta entre as atenções uma formação aberta à transcendência que crie condições às pessoas de se interrogarem sobre o sentido da vida.

Um dos programas levados adiante pela associação é o programa CASA (Centro de Apoio Social Aberto), que até agora atingiu mais de 300 meninas/os em situação de risco e exclusão social, realizando uma participação integral, tanto no trabalho preventivo como no diretivo-, promovendo sua inserção social e favorecendo o desenvolvimento integral da pessoa. É um projeto sócio-educativo e intercultural que atualmente opera em Madri (bairro de Aravaca), León, Lugo e Vigo.

Para o percurso 2011-2012, nos quatro locais, há mais de 100 meninas/os dos 10 aos 18 anos. Suas nacionalidades são muito variadas: Espanhola, Colombiana, Uruguaia, Brasileira, da Rep. Dominicana, Equatoriana, Congolesa, Angolana, Cubana, Eslovaca, Romena, Marroquina.

Conta com o trabalho indispensável de 32 voluntários, que atuam como educadores/as junto das crianças, desenvolvendo suas habilidades sociais na vida grupal e favorecendo a aprendizagem de algumas matérias escolares. Há também seis voluntários do Serviço Civil italiano.

Mas a Associação Valponasca pensou que um bom trabalho para a inserção social dos menores não podia prescindir de um trabalho com suas famílias e, portanto, iniciou o programa METAS que prevê um serviço integrado de aconselhamento e acompanhamento personalizado para o acesso ao trabalho e à formação. Até agora foram considerados mais de 400 pedidos e ofertas de trabalho e tiveram êxito mais de 100. O programa abarca todo o processo de inserção social e ocupacional, a partir da preparação, da procura do trabalho adaptado às próprias competências, até o acompanhamento nos primeiros meses de inserção no mundo do trabalho. Beneficiam-se deste programa, sobretudo os adultos desempregados, mas também as empresas que se agrupam para assumir pessoas que seguem um percurso de orientação e formação.

Além de CASA e METAS, a Associação Valponasca leva adiante o programa *Juntos crescemos mais*, para sensibilizar e formar ao Voluntariado.

2012: Ano Internacional das Cooperativas

"As cooperativas lembram à comunidade internacional que é possível conciliar a produtividade econômica com a responsabilidade social".

A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou que 2012 será o Ano Internacional das Cooperativas. ([HTTP://social.un.org/coopsyear/index.shtml](http://social.un.org/coopsyear/index.shtml))

A palavra aos voluntários

«Sou voluntária há 2 anos. Fiz esta escolha principalmente porque gosto de trabalhar com os jovens e com as crianças, seja para ajudá-los no estudo seja para levar adiante com eles diversas oficinas educativas. Dou-lhes apoio educativo, principalmente ensinando alguma matéria específica ou os acompanhando nos deveres de casa, dando apoio nas oficinas da área. No trabalho com a Associação Valponasca há um setor orientado à integração social, onde se educa para os valores e se procura transmitir uma educação que sirva para a vida, sobretudo prevenindo para as situações de risco ou de exclusão social. Em nível emocional recebo muitíssima energia e vitalidade de todos os/as jovens.

Aprendo muitas coisas, eles dizem que aprendem comigo, mas eu aprendo muitas coisas com eles.

São afetuosos. Quando saio daqui, levo sempre comigo um sorriso impresso dentro de mim. Eles me contam suas experiências e me fazem muitas perguntas em nível pessoal, para se conhecerem melhor, e isto me dá muita satisfação».

Glória Pirès

CONSTRUIR A PAZ

Um mundo em conflito

Julia Arciniegas, Martha Sèide

A partir de uma leitura atenta da realidade, tal como é apresentada pelos meios de comunicação, tem-se a impressão de que não existe nenhuma região do mundo na qual se vive em paz perene. Não por acaso, Bento XVI propôs para a Jornada Mundial da Paz 2012, o tema: "Educar os jovens para a justiça e a paz". A nossa rubrica, inspirando-se nesta mensagem quer fazer emergir os muitos modos pelos quais se exprime a violência no mundo de hoje e, portanto, a urgência de acompanhar os/as jovens para que possam responder ao desafio de criar um futuro de paz.

Um olhar sobre a realidade

«Eu fui sequestrado com dois amigos – conta Yulu, um menino soldado, ao voltar dessa inesquecível experiência – eles foram recrutados como espiões e ladrões e eu como soldado porque era mais robusto. Agora sofro com dores no baço e no tórax e ouço ainda o barulho dos canhões, porque eles me obrigavam a segurar o dia inteiro armas pesadíssimas que lançavam projéteis ensurdecedores como as bombas... Mandavam-me ir pelos arredores a fim de disparar sobre tudo e todos, sem uma justa razão... Para procurar comida e objetos, destruir casas e pessoas».

«Meu nome é Camillo, sou do Congo, vivo neste País há quatro anos. Aconteceu-me uma coisa terrível. Enquanto esperava o ônibus, falava ao telefone... Levei um tiro pelas costas, virei-me e vi um carro parar bruscamente perto de mim, tão perto que precisei mudar de lugar. As janelas foram abertas e começaram a me insultar. Eram jovens como eu, que gritavam para mim palavras torpes, xingando-me de 'bruto' e depois acrescentaram: Vá para o seu país! Em seguida vi um

senhor que havia presenciado a cena, mas fez o costumeiro gesto de 'o problema é seu' e se afastou! Senti-me destruído».

As testemunhas apresentadas são apenas exemplos que nos permitem lembrar a proliferação dos casos de violência. De fato, os motivos de conflitos estão em todos os ambientes da existência: familiar, étnico, religioso, político, econômico. Parece que o único caminho para resolver os conflitos e os desacordos seja a violência. As grandes hostilidades são substituídas por uma série de vexações contínuas, de violações sistemáticas dos direitos humanos, de violências estruturais imperecíveis, de modo que a dignidade humana e a segurança das pessoas ficam seriamente atingidas. É o que afirma a Caritas Italiana no seu *Observatório permanente sobre os conflitos esquecidos* para tornar conhecida a realidade da violência e a guerra no mundo (Cf www.conflittidimenticati.it).

Nas fontes da paz

Na revelação bíblica, a paz é muito mais do que uma simples ausência de guerra: ela representa a plenitude da vida (Cf. *Ml 2,5*). A promessa de paz, que percorre todo o Antigo Testamento, encontra sua realização na Pessoa de Jesus. A paz, de fato, é o bem messiânico por excelência, no qual estão incluídos todos os outros bens salvíficos. A ação pela paz nunca está separada do anúncio do Evangelho, que é justamente «a boa nova da paz» *At 10,36; Cf. Ef 6,15*), dirigida a toda a humanidade (Cf. *Compendio DSC*, 489-493). A promoção da paz no mundo é parte integrante da missão com que a Igreja continua a obra de Cristo sem nunca deixar de proclamar sua 'profecia da paz'. Por meio de intervenções diversificadas ela constantemente tem indicado os caminhos para resolver os conflitos que marcaram a história. As mensagens anuais para a *Jornada mundial da Paz* são uma evidência desta atenção para orientar pessoas, povos, Estados e Nações a se fazerem participantes da sua preocupação pelo restabelecimento e a consolidação da paz (Cf. *ivi*, 489-493).

A paz é fruto da justiça e do amor. Constrói-se dia após dia. O diálogo, a não violência, a busca de soluções alternativas à guerra e às discórdias, o perdão, a reconciliação, são os caminhos preferenciais do Evangelho (Cf. *ivi*, 494-495).

Construtores de paz

Na apresentação da Mensagem da Paz 2012 foi sublinhado que o tema deste ano se insere no sulco da 'pedagogia da paz', traçado por João Paulo II. Trata-se de um convite a escutar e a ajudar as novas gerações na construção de um mundo mais justo, pacífico e solidário. Como afirma N. Anselmi, responsável pelo Serviço da Pastoral Juvenil italiana, a educação para a justiça e a paz não deve apenas ser pensada diante dos grandes temas e eventos, mas vivida na cotidianidade de uma vida comunitária que seja menos agressiva, mais reconciliada, baseada em relações sóbrias e profundas.

Este modo de viver deveria impregnar lentamente toda a sociedade a partir dos jovens num compromisso sócio-político renovado e apaixonado, não só, mas também numa nova 'aliança pedagógica' de todos os responsáveis pela educação.

j.arciniegas@cgfma.org, mseide@yahoo.com

O que é o conflito? Em que se diferencia da guerra? Sem querer fornecer uma resposta em profundidade para esta pergunta, ocorre esclarecer que *o conceito de conflito não tem um significado necessariamente negativo* e, seja como for, não pode ser considerado de modo automático como sinônimo nem de violência nem de guerra. Muitos são os significados que podem ser atribuídos ao termo conflito, dependendo do nível, da "qualidade", dos sujeitos envolvidos e das dimensões do mesmo conflito, assim como diversas podem ser as concepções em torno dele. Em geral, *o conflito é uma dimensão constitutiva da condição humana*, uma dimensão com a qual lidar, em toda a sua complexidade, seja em nível pessoal seja em nível interpessoal seja, enfim, em nível social (nacional e internacional) ([HTTP://www.conflittidimenticati.it/cda/13967.html](http://www.conflittidimenticati.it/cda/13967.html)). Este significado do conflito remete à necessidade de uma educação que assuma a condição humana na sua totalidade. A partir desta perspectiva, o empenho educativo assume o desafio da preventividade, porquanto é educando para gerir os conflitos de modo positivo que se impõem as condições para construir a paz.

Criatividade

Giuseppina Teruggi

**Para uma mesma meta,
existem diversos percursos...
Para viver um mesmo carisma,
várias expressões são possíveis...
É preciso um toque de criatividade
para fazer novo tudo o que é marcado
pelo fluir do tempo.
Refletir sobre a criatividade
é convencer-se de que o "novo"
sempre tem raízes distantes, e é autêntico
quando não rompe com as próprias raízes.**

São inseparáveis...

...Criatividade e carisma. O carisma, para Alessandra Smerilli fma, é "um dom visual capaz de ver coisas que os outros não veem" e "quando uma pessoa age com a força do carisma, na comunidade, graças a este carisma consegue-se ver *mais longe*", assim "quando na história irrompe um carisma, grande ou pequeno que seja, começa um processo de mudança que investe todos os campos do humano, incluindo a economia' PP. 22.25.26). Existe, de fato, uma estreita relação entre criatividade e carisma.

...Criatividade e pesquisa. Foi perguntado a Enio Morricone, um genial compositor musical, qual é o segredo da sua inesgotável criatividade em centenas de trilhas sonoras de filmes. "Graxa de cotovelo", respondeu. Na gíria italiana, isto significa vontade determinada, autodisciplina dura, constância. Pesquisa contínua. A criatividade não tem percursos definitivos. É esforço na análise, originalidade nas investigações, humildade em voltar atrás quando existe um caminho melhor. Não é imitação de uma moda, mas risco, saber questionar-se, empenho sério e severo.

...Criatividade e inovação. No mundo dos negócios, mas não só, faz-se distinção entre 'inovação' e 'imitação'.

É inovador quem introduz o novo, rompe uma situação estacionária e cria o desenvolvimento. O imitador apropria-se da inovação e cria o lucro. Para além da esfera empresarial, aplica-se isto às instituições, à expressão artística e, também, ao modo de organizar sua vida social.

...Criatividade e amor. O amor torna-nos criativos: uma profunda capacidade de amar abre para gestos e expressões coloridas de originalidade. O clima que alguém cria em torno de si, o estilo com que prepara e vive um evento, o modo de aproximar-se para um encontro: se trazem o timbre do amor, exalam o perfume da criatividade. O amor criativo é caracterizado pela gratuidade "que leva a aproximar-se de cada pessoa, de cada ser, de si mesmo, sabendo que aquela pessoa, aquele ser vivente, aquela atividade, a natureza, eu mesmo, não são 'coisas' a serem usadas, mas realidades a serem respeitadas e amadas".

...Criatividade e sinais. Madre Yvone Reungoat, na circular n. 918, convida «cada comunidade a buscar juntas, o que pode ajudar-nos a mudar para nos tornar sempre mais evangélicas com a 'cor salesiana'. Com Deus no coração e na vida podemos nos lançar com alegria em direção às novas fronteiras e revitalizar o carisma nos lugares educativos tradicionais, que são fronteiras sempre novas de missão.

A nova mentalidade manifesta-se também com gestos de humanidade, de bondade, de benevolência concreta. Nossas comunidades precisam desses *sinais* manifestados com serenidade e, talvez, não sem esforço, mas eficazes para gerar energias novas na realidade em que vivemos».

Processos criativos

A criatividade, segundo muitos estudiosos, é qualidade presente em cada pessoa, é parte substancial da natureza humana, recurso ao qual recorrer nas diversas ocasiões da vida e do trabalho. Daí o valor atribuído a todos os esforços para tornar mais criativos o comportamento, o pensamento, o empenho ao desenvolvimento e à estimulação de todas as potencialidades individuais.

A criatividade – do ponto de vista psicológico – é como uma fonte luminosa, é como a água da nascente, que age a partir do inconsciente: por isso não é acessível a todos do mesmo modo. É energia poderosa e ao mesmo tempo é fonte de energia. Gera ideias novas, favorece a solução de problemas de modo original, tirando das profundezas de Si. Cada expressão de criatividade é como a construção da própria fisionomia individual. Permite realizar um processo de conhecimento e de exploração ultrapassando percursos conhecidos e ideias preestabelecidas, ligadas a lugares comuns. No momento criativo, a pessoa está em contato com as próprias dimensões inconscientes e deve aceitar o risco de 'ultrapassar' os limites do Eu para imergir-se em um mar de ideias e imagens inéditas.

O processo criativo é lento, gradual, e segue alguns passos.

Parte de uma primeira fase de *preparação*: imerge-se em uma realidade para conhecê-la, por exemplo, um tema que se quer enfrentar, lendo, documentando-se, confrontando-se, colhendo informações.

Entra num tempo de *incubação*: o inconsciente pode exprimir-se e libertar-se. Trata-se de um momento de confusão e de espera, marcado pela fadiga, também pela dor e pela ansiedade.

O terceiro passo é o da *inspiração*, caracterizada pelas ideias, intuições que irrompem às vezes de modo improvisado.

A última fase, a da *avaliação*, deságua na organização e na realização criativa. É um simples esquema. Na realidade, o processo criativo ultrapassa fases rígidas e depende de processos inconscientes nos quais tudo se compõe, descompõe, sobrepõe.

O processo criativo parece, seja como for, nascer do "caos" de uma interioridade complexa, a partir de uma comunicação entre o interno e o externo, entre a dimensão inconsciente e a dimensão consciente do Eu, aquela que permite o êxito criativo. Os estudiosos concordam quando acreditam que a criatividade está ligada ao inconsciente e que para ter acesso a ela é necessário escavar fundo, ou deixar que os eventos aconteçam. A afirmação de Pablo Picasso "eu não procuro, eu encontro", nos faz intuir que o processo criativo é capacidade de avançar na profundidade de si para encontrar o que se está procurando.

A iluminação (o "insight"), pode chegar de modo improvisado, inesperado: é uma elaboração que não provém da lógica da razão, mas a partir de outras "lógicas" profundas. As obras de arte, as grandes descobertas e intuições nasceram assim: quando se deixa de pensar na solução do problema, relaxa-se e se permite que as aquisições feitas trabalhem "sozinhas", na profundidade.

Uma vida criativa

Viver uma vida criativa está em proporção à construção de uma personalidade criativa: possibilidade acessível a todos. Em psicologia o conceito de criatividade é central e o processo de individuação – realização da própria unicidade e diferenciação dos outros – é considerado em si mesmo um processo criativo. Por isso definir uma personalidade baseando-se em generalizações ou estatísticas, significa subtrair à pessoa suas potencialidades peculiares, é como fixá-la em uma fotografia, tirando-lhe aquilo que acima de tudo a torna pessoa, isto é, a possibilidade de modificar-se continuamente, de transformar-se, a dinâmica das próprias tensões, que pode mudar o seu percurso existencial e, portanto, o modo mais profundo de ser.

Se não se acredita na possibilidade de viver criativamente a própria vida, cede-se ao determinismo psicológico que pinta uma imagem estática e falsa da personalidade. Cada definição que um observador externo pode dar de nós mesmos cristaliza a nossa imagem, enquanto nós sempre ultrapassamos as definições que os outros dão de nós. A menos que renunciemos a uma existência criativa. O desenvolvimento psicológico modifica-se e progride ao longo da existência e,

quanto mais conscientes estivermos de cada transformação que acontece em nós, mais poderemos assimilar e elaborar a complexidade da nossa natureza, tornando sempre mais passíveis de crescimento interior os traços que nos pertencem, mesmo os mais complicados ou problemáticos.

Esta é a modalidade criativa que faz da nossa existência algo semelhante a uma obra de arte. Todavia, hoje nos deparamos com numerosos condicionamentos sociais: a cultura em que estamos imersas demonstra ter mais necessidade de 'objetos' do que de sujeitos, e tende a 'excluir' os indivíduos criativos que reagem de modo autônomo à uniformidade, ao conformismo, para mover-se segundo convicções próprias.

Para viver uma vida criativa é importante conhecer-se e conhecer as culturas de hoje, não se deixar envolver pela rotina, não limitar-se à repetição. A criatividade está ligada, sobretudo a um caminho de liberdade interior, de clareza de metas e de percursos. Está ligada também à capacidade de um olhar de esperança que descortine o "novo" em si e na realidade que desponta no horizonte. Para nós, com total confiança no Espírito que continuamente age e constrói a história.

O amanhã terá os teus olhos

É dom saber ver e interpretar de modo límpido nós mesmas, as pessoas, a história, o tempo em que vivemos. Compartilho a reflexão de um "criativo", Luigi Verdi, no seu texto "O amanhã terá os teus olhos", onde comenta a passagem de Jr 1, 11: "*Jeremias o que vês? Vejo um ramo de amendoeira*".

«Aquilo que Jeremias vê não é uma flor do ramo na bela estação, mas no momento mais duro do ano, o das geadas improvisas.

Nesta estação difícil devemos ter olhos atentos aos sinais de que já chegou o inverno, saber colher o que nasce da passagem para a primavera. Não devemos jamais desesperar-nos, mas estar à escuta da voz sutil que fala na noite, quando todos os rumores se calam, contemplar as estrelas, para compreender o caminho a ser seguido e estar presente quando o amor acordar.

Não é fora de nós, mas dentro de nós que algo pode mudar, e o simples fato de ter esperado e desejado a aurora de algo novo, não será em vão» (PP 65-66).

gteruggi@cgfma.org

SUPLEMENTO DMA

OS JOVENS E AS CORES



OS JOVENS E AS CORES

Uma vida sem cores para nós seria VAZJA.

A existência é sempre radicalmente colorida.



**O VERMELHO É O QUE
NOS DISTINGUE
E O QUE SOBRESSAI EM UM FUNDO,
É O QUE INFRINGE
O HOMOGÊNEO, O VAGO,
O NEUTRO.
DESPERTA
A MINHA CONSCIÊNCIA
E ME IMPÕE
O QUE ESTÁ
ALÉM DE MIM.**

Texto de "Svolta di respiro" de Antonio Spadaro

CULTURAS

Entrevista com Ir. Rosa Jaeok Ryu (Coreia)

Eu confio nos jovens porque...

por Mara Borsi

... São abertos, são a terra santa de cada FMA, onde cada uma de nós é chamada a encontrar Deus.

Para mim, ter confiança nos jovens significa também acreditar na eficácia da espiritualidade de Dom Bosco educador, reconhecer a bondade de Deus que criou a pessoa humana. Os jovens têm me ensinado muitas coisas e a partilha de vida com eles mostrou-me a importância de praticar Sistema Preventivo. As novas gerações precisam de razões para viver, de educadores e educadoras que sejam verazes, autênticos. Fiz experiências interessantes nos acampamentos de verão onde tive a oportunidade de me encontrar com os adolescentes e os jovens.

Às vezes os rapazes não-crentes também participam das iniciativas que são propostas aos jovens católicos para aprofundarem a sua fé. Para eles é agradável ficar com os amigos mesmo não estando totalmente conscientes das nossas propostas. Acontece, portanto, que aos acampamentos chegam jovens que simplesmente querem se divertir.

É claro que a realização da proposta formativa acaba ficando difícil nesses casos e, muitas vezes, precisei intervir e entrar em acordo para poder ir adiante e desenvolver o programa de aprofundamento da fé. Muitas vezes, ao esclarecer a experiência que estava oferecendo, precisei propor aos jovens não-crentes ou pouco motivados para retornarem às suas casas.

Devo dizer que, o diálogo, as razões explicadas com calma, os modos amáveis de tratar quase sempre produziram nos indecisos e nos aparentemente refratários a decisão de permanecer e de experimentar submeter-se às regras da experiência formativa.

Encontrei-me também diante de jovens não-crentes que, depois de se terem empenhado e seguido o programa durante um dia inteiro, à noite me disseram com muita clareza que as propostas não eram segundo suas expectativas e nada interessantes. Desafiada a ilustrar as razões da fé e da esperança cristã com a única arma do diálogo e da paciência, oferecia novos motivos para a sua reflexão e permanência no grupo. No final do acampamento ao se despedirem de mim alguns dos jovens não-crentes ou pouco motivados disseram-me que tinham uma ideia diferente e mais concreta da visão cristã da vida, outras vezes me manifestaram sua alegria por terem feito o esforço de uma experiência muito diferente daquelas feitas até agora. Testemunhos estes que indubitavelmente infundem coragem e confiança na capacidade juvenil de acolher propostas também muito distantes da sua experiência e mentalidade.

Acredito nos jovens porque...

...Sabem reconhecer o bem e aqueles que querem o seu bem gratuitamente.

No meu trabalho educativo pude experimentar que os jovens do nosso tempo de "conexões midiáticas" são inseguros e estão sempre à procura de confirmação. Na Coreia as escolas mandam aos nossos centros educacionais seus alunos para participarem dos programas de formação da personalidade. Geralmente chegam rapazes e moças muito difíceis, desorientados e triturados, habituados a sentir-se fora de lugar e, assim que são repreendidos, defendem-se por trás de comportamentos que extraviam.

Com muita frequência eu me vi diante de situações extremas: jovens que, para não participarem das sessões formativas, bebiam às escondidas até se sentirem mal e poderem dizer que estavam indispostos e que precisavam ficar na cama. Nesses casos é a amorevolezza que vence. As irmãs não levantam a voz, não reagem com rigor, mas cuidam deles com alimentação adequada e depois com sua aproximação fazem compreender que nos nossos ambientes os adultos não são inimigos, mas amigos. O efeito da *bondade fundada em um sistema* é a participação engajada e consciente. É claro que, às vezes, os desafios e as provocações dos

jovens, ousarei dizer, são terríveis... Mas quando se consegue ser fortes na paciência e na bondade a amarevolezza vence usando, também, as armas da persuasão e da razão.

Acredito nos jovens porque...

...Eles são capazes de Deus. Eles são capazes de se deixar questionar pelo estilo de vida dos cristãos e de nós, educadoras FMA.

Nesses últimos anos eu me convenci da importância do anúncio explícito da fé cristã e pude experimentar que a confiança nos jovens é proporcional à minha confiança na obra de Deus. Se eu encontro Deus no meu cotidiano então poderei vislumbrar Sua presença que trabalha nos jovens e é natural que eu confie neles!

mara@cgfma.org

As jovens e os jovens, especialmente os mais pobres, são a maior riqueza e o maior tesouro que Deus deposita em nossas mãos. São o lugar teológico, a terra santa onde Ele fala conosco convidando-nos à conversão para vivermos o carisma da preventividade como aliança renovada com Ele e com todas as pessoas corresponsáveis da missão educativa.

Como em uma grande família, os jovens oferecem sua contribuição original e criativa, segundo a idade e o grau de maturidade, tornando-se protagonistas do seu crescimento e do crescimento de toda a comunidade educativa. (CG XXII n. 31)

PASTORALMENTE

Oratório: uma paixão

Anna Mariani

A experiência do Oratório qualifica a obra salesiana. Dom Bosco, e com ele Madre Mazzarello, começa "a partir da rua", lugar onde encontra jovens, que sem nada pedir o interpelam.

Madre Mazzarello, debilitada fisicamente por causa do tifo, passa da experiência do limite ao desafio da missão, deixa-se interpelar pelo Senhor ao qual se entrega e no qual confia. A resposta às suas dúvidas, às suas incertezas e inquietações não tarda. Também para ela a intervenção de Maria torna-se sinal e proposta de caminho: "A ti as confio".

O sonho

"Na rua"... não importa se a rua da grande cidade de Turim ou as ruelas de Mornese, o que conta é a rua, habitada pelos jovens e pelas jovens que, descontraidamente, perguntam sobre as razões de viver e os motivos da esperança, invocam apoio e protagonismo. Estar na brecha é, então, predisposição necessária para encontrar-se com os jovens e atraí-los a uma experiência de vida que abre ao diálogo educativo e cria relações positivas e construtivas, cria ambiente.

Mas qual oratório hoje?

Interpelados como Comunidade educativa sonhamos com um Oratório aberto, no qual uma multidão de jovens, pequenos e grandes, possam encontrar-se e viver juntos uma experiência de festa, de alegria, de amizade, de protagonismo, de empenho e de encontro com Jesus. Passar do sonho à construção de um ambiente educativo e de vida requer hoje predisposição para "estar na rua", mas também mentalidade de mudança e projetualidade a partir daquilo que já existe.

O sonho... a partir do que existe

Redefinir os limites, as modalidades, a organização do Oratório Centro Juvenil para ser proposta aos jovens de hoje requer uma releitura do que existe a partir de um sonho originário. Algumas perguntas são prioritárias.

Quais são as atividades e as propostas oferecidas no OCJ? Através de que iniciativas, momentos e organismos são tomadas as decisões para a vida oratoriana? Existem definições de papéis e organização de deveres em nível oratoriano e nas atividades individuais? Qual é a idade dos jovens e das jovens que frequentam o oratório? Qual o gênero? A classe social de procedência?

Existe um "arquivo" de inscritos ou apenas estimativas para obter informações? Quais são as faixas horárias com maior presença juvenil e que tipo de jovens? Quais são os principais objetivos educativos que se perseguem no oratório? Eles estão escritos em algum lugar? Estão claros para todos aqueles que colaboram no Oratório? Com quais realidades externas se está particularmente em contato? Através de que recursos econômicos as atividades do oratório se desenvolvem?

Palavras para um planejamento renovado

O OCJ é uma experiência de vida com e para os jovens. São muitas as condições. Algumas nos parecem prioritárias.

Formação

Requer ser pensada numa lógica mais eficaz para ambientes complexos onde os graus de liberdade e de incerteza são elevados. Mais do que uma capacidade acumulativa urge a capacidade de conhecer, refletir, dialogar com o mundo externo e com o interno. Faz-se necessária uma formação disposta a se repensar, a se propor com lógicas e formas que sejam congruentes com a exigência de desenvolver capacidades e competências no ambiente, nas pessoas e na sociedade.

Grupo

A maior parte das coisas que aprendo de mim, eu as aprendo observando-me na relação com os outros. Quando me examino a mim mesmo, estou na realidade examinando os resultados de um encontro precedente. As percepções não são coisas, mas relações. Nada, incluindo a mim mesmo, existe por si: esta é uma ilusão de palavras. Eu sou uma relação em contínua mutação (Hugh Prother).

Na experiência oratoriana o grupo é fundamental. Ele favorece a capacidade de compreender e de reestruturar o próprio modo de pensar e de agir... Oferece um contexto útil e eficaz ao desenvolvimento da experiência de fortalecimento da própria identidade individual, simultaneamente à experiência da percepção de si mesmo como uma parte, bem distinta, mas seja como for, parte daquele todo que é constituído pela realidade do mundo. O encontro na sua dimensão pessoal e coletiva favorece processos capazes de desenvolver em cada indivíduo uma maior consciência de si, uma maior capacidade de ser fiel a si mesmo no social e, portanto, de participar da vida cultural e abrir-se à vida eclesial.

Comunidade educativa

Em um tempo de complexidade não é possível educar sem construir ambiente, clima comunidade.

Uma comunidade que antes de "fazer" se esforça para ser. Põe-se cotidianamente à escuta da voz do Espírito, deixa-se plasmar pela Palavra de Deus e pelas circunstâncias para tornar-se sinal e expressão do amor de Deus. Uma Comunidade educativa atentamente presente, que oferece razões de vida e de esperança e que testemunha e anuncia com a própria vida sua fé no Deus de Jesus.

Território

Não está somente fora, em torno do homem, mas está também dentro do homem, passa através dele, é o lugar da sua história: esta se realiza no tempo, mas vive e se nutre em um

espaço territorial, em lugares, em um ambiente, em um "habitat". O território, portanto, é concebido como o lugar social do crescimento integral da pessoa humana.

Animação, Evangelização, Sistema Preventivo

Animação é ainda hoje a palavra que melhor revela as lógicas do Sistema Preventivo, visto seja como modelo de intervenção educacional e social seja como estilo de vida que traduz uma espiritualidade.

O Oratório Salesiano aposta no envolvimento do jovem em uma experiência de vida para conjugar a invocação e a necessidade de mistério que existe no coração de cada pessoa, com a fé, dom de graça que vem do alto.

comunicazione@fmairo.net

MULHERES NO CONTEXTO

Mulheres fiéis

Paola Pignatelli, Bernadette Sangma

Fidelidade: um conceito arcaico? Avaliando os resultados de tantas pesquisas parece que hoje a palavra 'fidelidade' tenha se tornado um conceito arcaico, fora de moda.

Em um mundo onde predomina o transitório, a mobilidade, a mentalidade do "tudo ao mesmo tempo", olha-se para a fidelidade como uma tendência à rigidez, como um irrisório apego ao passado. Neste clima, empenhar-se por longo tempo, ou seja, a vida inteira, significa fechar-se numa gaiola e pôr limite à própria liberdade: renunciar à possibilidade de mudar. Tal orientação nota-se na perseguição de um ideal de vida e nas relações interpessoais, sobretudo no âmbito matrimonial.

De fato, segundo alguns advogados dos casos matrimoniais, a infidelidade está se tornando mais a regra do que a exceção; parece, além disso, que neste contexto, reine realmente a "condição igualitária" e que mulheres e homens estejam mais ou menos no mesmo plano, se bem que as estatísticas demonstrem que a infidelidade feminina é ligeiramente inferior à masculina. Esta situação é particularmente acentuada no Ocidente.

Nesta perspectiva, podemos correr o risco e falar sobre mulheres fiéis?

Na realidade, não seria objetivo um olhar focalizado apenas no negativo, incapaz de reconhecer a dedicação constante de tantas mulheres nas dobras da vida cotidiana, no trabalho, na família e na vontade de realizar um ideal. São elas as testemunhas de que a fidelidade não é nem um conceito arcaico, nem um valor anacrônico, mas uma atualidade colorida pelo amor em todas as estações da vida.

Experimentemos dirigir o nosso olhar para algumas delas porque brilham...

Como estrelas resplandecentes

No dia 1º de outubro de 2011, o cotidiano *Saturday Nation*, do Kenya, dedicou uma página inteira ao fato de um prisioneiro condenado à morte em 1999. Em seguida, a sentença foi substituída pela prisão perpétua. Desde então, Kaberia Itaar, 52 anos, que era professora da escola secundária, publicou três livros: *As alegrias da solidão*; *Tesouro, eu estou te esperando* e *Carta para minha esposa*. Esta última publicação é a expressão do amor pela esposa que, não obstante sua vida atrás das grades, continua a amá-lo. No livro, Itaar promete, infunde e

fortalece a esperança de sua esposa, que nunca deixou de esperá-lo com o coração ardente de amor.

Diz que sua esposa foi o seu baluarte ao longo de todo o processo penal e depois na cadeia, durante o longo tempo de detenção, diferentemente dos outros presos, que foram abandonados pelas suas famílias. «Manteve-se como uma verdadeira amiga» afirma Itaarú. A esposa, também ela professora, foi o pilar que sustentou e manteve unida a família, continuando a levar adiante a educação dos três filhos, que se tornaram estudantes universitários. Como definir a escolha desta mulher tão nobre?

“Fidelidade ou verdadeiro amor”

Parece uma resposta adequada à pergunta feita, na verdade é o título do último livro de Michela Marzano publicado em maio de 2011. Nesse livro, a autora afirma que não há amor sem promessa de fidelidade e que “um amor infiel é uma contradição tão absurda quanto um círculo quadrado”. A definição que ela dá do termo evidencia, sobretudo, a fidelidade que anima e sustenta a relação interpessoal. Diz: «Ser fiel significa compartilhar o próprio espaço – o espaço do corpo, da palavra, dos silêncios – e apostar que o outro aceitará compartilhar o seu sem privar a pessoa amada do próprio espaço, sem destruí-lo e sem abandoná-lo brutalmente, deixando-o vazio. Significa aceitar o desafio de deixar alguém tocar o que está enterrado em algum lugar nas profundas dobras do ser, no espaço intermediário entre o dentro e o fora, o eu e o não-eu, o corpo e a linguagem, e oferecer ao outro, enfim, um vínculo a ser captado: o ritmo da sua respiração, a emoção de um olhar».

Vista assim, a fidelidade revela uma densidade e uma consistência que ultrapassam os limites do mistério conduzindo-nos a Deus, rocha e fundamento de toda fidelidade. Histórias de vida, que narram uma sucessão de rostos que, no tempo, souberam guardar solidões e lágrimas só por amor, corações que ficaram esperando contra toda esperança, um retorno, uma mudança, uma conversão. Silêncios capazes de suavizar as discórdias, reelaborar conflitos, traições, de recuperar equilíbrios perdoando, ou simplesmente corações intensamente enamorados, capazes de permanecer naquela relação de profundidade, que não tem mais necessidade de palavras para dizer que a confiança mútua existe.

Diante desses exemplos cotidianos, nós, na caminhada esponsal com Jesus, parceiro Absoluto e fiel “até o fim”, vivemos a fidelidade apenas como “lei fundamental da castidade” ou como profunda e irrenunciável necessidade do coração? As Suas escolhas, as Suas Palavras, as Suas provocações, são para nós apaixonados “sim” de partilha de vida “nos bons e maus momentos”, adesão total e totalizante de uma vida entregue para sempre?

paolapignatelli@hotmail.com , sangmabs@gmail.com

MOSAICO

Questões de religião e de direitos humanos

Anna Rita Cristaino

Mosaico: composição pictórica obtida mediante a utilização de fragmentos de materiais (mosaicos) de diversas naturezas e cores.

Neste espaço, confrontamo-nos com observadores e conhecedores dos cenários mundiais, para podermos acrescentar novas peças na interpretação do quadro da realidade. Iniciamos por Chantal Delsot, filósofa e fundadora do Centro de Estudos Europeus (Institut Hannah Arendt) na

Universidade *Paris-Leste*, membro titular no *Institut de France* e autora de vários ensaios, entre os quais o último *L'age du renoncement* (A idade da renúncia).

No seu texto, interpelada para dar uma definição do cristianismo no mundo Ocidental, diz que a cristandade entendida como cultura cristã que irriga política, sociedade e costumes, vive uma crise muito profunda. Para ela na época atual estão se restaurando modos de ser e de pensar comparáveis àqueles que precederam o Ocidente cristão e que continuaram a ser no mundo fora dele: teorias inspiradas nos mestres de sabedoria e no paganismo. Eles alimentam a *renúncia* que parece ser uma disposição contemporânea. Renúncia à busca da verdade, renúncia ao progresso, aos reais direitos, à liberdade pessoal. As consequências podem ser lidas na substituição da verdade por um bem tangível, dos dogmas da fé pela revitalização dos mitos, passa-se de uma visão linear do tempo a uma circular, do monoteísmo ao paganismo ou ao panteísmo, de um humanismo libertador a um humanismo protetor, da democracia à busca de consensos, do fervor à desistência.

Baseada nas suas pesquisas, afirma que a crise política e econômica que está afetando muitos países do mundo, no fundo é uma crise que parte da renúncia aos valores da pessoa humana, da política entendida como serviço e, também, da espiritualidade.

Falando dos direitos humanos, também diz: «Estamos em um momento no qual à força de exibir os direitos humanos sem perguntar-nos o que é um homem, acaba-se por interpretar os direitos humanos como uma espécie de corrida para o precipício a fim de obter maior liberdade, emancipação e igualdade. Quando se reivindica muita igualdade, chega-se à indiscriminação, por exemplo, a teoria de *gênero*. Muita liberdade gera frouxidão. Sai-se, assim, do âmbito da tutela para embarcar numa ideologia dos direitos humanos: "*dirittidelluomismo*" tão prejudicial quanto qualquer outra ideologia»

arcristaino@cgfma.org

COMUNICAÇÃO E VERDADE

Associação Juvenil "La Cantera Salesiana" (Marbella – Espanha)

Dentro e fora da rede

Maria Antonia Chinello, Patrizia Bertagnini

Ir. Maria del Mar Garcia Claro, Marimar para todos, é responsável pela Pastoral do tempo livre do *Colégio Maria Auxiliadora* de Marbella (Málaga, Espanha). Suas jornadas se dividem entre as aulas na escola, onde ensina Ciências Sociais, História da Música e Religião, e os espaçosos pátios do Centro Juvenil.

O *Colégio Maria Auxiliadora* tem dois locais: um no centro de Marbella, onde há uma pequena Escola Infantil e Primária, e outro na montanha de *La Concha*, no bairro *La Cantera*, do qual a associação juvenil constituída há três anos tomou o nome.

«Sou uma FMA feliz, porque sempre tive a sorte de trabalhar na animação do tempo livre» diz Ir. Marimar. Uma experiência que lhe permitiu amadurecer algumas convicções.

Ajudada por um pequeno grupo de pais, animadores e animadoras, Ir. Marimar arregaçou as mangas e, assim como Dom Bosco, fez com que as iniciativas, as atividades do Centro Juvenil tivessem a marca da transparência tanto na gestão econômica, como na animação dos conteúdos. Além disso, depois de ter previsto um percurso de formação e acompanhamento para os animadores, os pais, os educadores, colaboradores e colaboradoras, tomou consciência de que é preciso investir também nos canais e nos caminhos das Redes sociais, para que a informação e a comunicação não só corram seguras sobre os fios, mas alcancem os jovens lá onde estão.

Venha para o "Tuenti"

Ser reconhecidos no território como comunidade educativa da *Associação Juvenil La Cantera Salesiana* é o anseio que está por trás do projeto educativo, que reúne sob um único logotipo todas as atividades do *Colégio Maria Auxiliadora*, levadas adiante nos dois locais. A partir desta ideia da coordenação, que permite ter "um rosto público" para apresentar os projetos e assim obter financiamentos econômicos, foi natural aproar na Rede para tecer os liames entre os inúmeros grupos surgidos na Escola e no Centro Juvenil e para coordenar e harmonizar atividades e iniciativas sem fim que a criatividade salesiana inventa.

Pusemo-nos à procura de um espaço social na Internet, na Web 2.0 que pudesse responder às necessidades avançadas do contexto de Marbella, levando em conta que «a cidade não tem centros de estudos superiores. Uma vez terminada a escola secundária, os jovens e as jovens, que pretendem frequentar a universidade devem ir para Málaga ou Granada. Então, adeus presença nos grupos de fé, nos empenhos de animação».

Encontramo-nos no *Tuenti*, o *Facebook* espanhol, que, diferentemente do gigante americano, baseia-se em algumas características interessantes. A mais importante é que entra no *Tuenti* apenas quem for enviado por alguém já conhecido.

O duplo fio da comunicação

No perfil do *Tuenti* da *Cantera* passa toda a comunicação com os meninos e as meninas, mesmo sabendo que os menores não podem ter acesso e que um bom número de pais coloca alguma resistência para utilizar tal canal. Através das páginas informa-se sobre atividades, comentam-se as iniciativas em andamento e que foram concluídas, celebram-se os aniversários... «É um ambiente de grande cordialidade. O "tempo livre" requer muita dedicação e paixão educativa, muitíssima criatividade, precisa de um grupo que compartilhe, para que a realização não seja prerrogativa de uma só pessoa. Exige que ecoem o "bom" que as novas tecnologias, a sociedade e o tempo presente nos oferecem, para o bem dos jovens».

Questão do coração, em outras palavras. Se, como salesianas a contemplação de um pátio movimentado à noite nos possibilita os melhores encontros com o Senhor, também os posts e as vitrinas atolados de mensagens nos ambientes do *Tuenti*, como também nas outras redes sociais, nos solicitam à presença igualmente amorosa no meio dos jovens.

O pátio 2.0 torna-se visível enchendo os pátios do Centro Juvenil: um enxame em movimento com bicicletas, skates, quiosques, dança, música, canto, patins, bolas, risadas, corridas, bate-papos, pausa na capela... E a história continua.

mac@cgfma.org, suorpa@gmail.com

Para aceitar o convite de Ir. Marimar e visitar as páginas de La Cantera no Tuenti, acesse: garciaclaro@yahoo.es

CONTRALUZ da visibilidade - Contudo, não basta conhecer a verdade, e não basta dizê-la. A primeira carta de João é explícita: a cada cristão é pedido para colocá-la em prática (cf 1 Jo 1,6), isto é, torná-la atual. O critério da visibilidade é então o fundamento da relação que a Verdade tem com o homem; não tanto em virtude de um genérico princípio de clareza e transparência, mas, sobretudo, em razão da sua mesma natureza. A busca da Verdade não nasce de obrigações morais que levam a cultivar virtudes como a sinceridade das palavras, a lealdade nos relacionamentos, a retidão nas escolhas; pois sua natureza tem dimensão originária no ser que faz dela a meta à qual o homem tende incessantemente (cf CCC 2467) e que justifica tal tensão. O evangelho de João vem nos ajudar (1, 17-18). A manifestação plena de Deus está no Verbo que se faz carne e vem habitar no meio da humanidade; o princípio da Encarnação chama cada cristão para tornar verdadeira a palavra com a presença, convidando-o a passar do relato ao testemunho, do confronto ao contato. Assim, em virtude do mesmo princípio, a presença em rede exige que a Verdade não seja simplesmente exibida numa vitrina virtual que, por quanto atraente seja, permanece distante da vida do povo. A Verdade mesma, para não trair a própria natureza, tem necessidade de haurir vida das relações sociais e de revestir-se de concretude; de aproximar-se de uma humanidade cansada e extraviada. Aquela mesma humanidade que, ainda hoje, pede uma carícia, espera um sorriso, sonha com um abraço. Ou também apenas com um aperto de mão; mas, não por e-mail.

A MJM AS CONFIJAS

Entrevista com Mariluce Mesquita dos Santos

Este é o meu lugar



Anna Rita Cristaino

Aprofundar o significado da vocação de fma é uma oportunidade para refletir sobre a cultura e sobre a pastoral vocacional.

Mariluce Mesquita dos Santos pertence à etnia Barassana, da comunidade Bela-Vista, do distrito de Pará-Cachoeira, no Brasil. É a segunda de oito filhos e conhece as irmãs desde a idade de 11 anos.

«Quando eu estava na comunidade Bela-Vista, fiz o curso primário. Minha mãe, em casa, ensinava-me a rezar; era bem acompanhada por ela que me falava de Dom Bosco, Laura Vicuña, Domingos Sávio».

Na comunidade de Bela-Vista convivem várias etnias, entre as quais a de Mariluce que viveu segundo os usos tradicionais de uma vida em comum entre as famílias da aldeia com muita partilha e oração comunitária.

«Meu pai, que trabalhava no campo, reservava diariamente um momento para compartilhar e falar com os outros homens da aldeia. Na comunidade não havia missionários, mas havia catequistas indígenas, havia o líder da comunidade, intitulado capitão, e o vice capitão, todos leigos».

Aos 11 anos ela vai para o Colégio de Pará Cachoeira como interna, é a primeira vez que deixa sua aldeia. «Meus pais me acompanharam. Eu não tinha muitas coisas nem mesmo muita roupa para vestir, pois em nossa cultura, pensamos um dia de cada vez, sem acumular para o amanhã».

Seus pais compram-lhe uma rede nova, vestidos e sandálias. «Era a primeira vez que calçava uma sandália, eu ficava sempre descalça». As primeiras irmãs que conhece cuidam dela e lhe ensinam, um pouco por vez, a falar português. «Eu só falava tucano, a língua do meu povo, entendia um pouco a língua portuguesa, mas não sabia falar».

Mariluce fica no colégio por dois anos, depois volta para casa e prossegue seus estudos como externa. «Eu era muito viva, e as assistentes me diziam que eu lhes dava muito trabalho. Estava acostumada a dormir pouco, às 5 horas da manhã já estava em pé querendo fazer tudo».

Quando terminou o Ensino Fundamental foi trabalhar no campo com os pais, alimentando um sonho, no seu coração: «Querida continuar os estudos e me tornar professora para ajudar minha família e meu povo!».

Certo dia seus pais lhe dizem que já é hora de pensar em se casar. «Eu tinha quase 19 anos. Falei-lhes do meu sonho.

Não estavam convencidos, não confiavam muito em mim, mas me colocaram à prova levando-me para São Gabriel à casa de uma tia para poder frequentar a escola das fma». Ela fica com a tia apenas um ano.

Quer achar uma casa, mas seu pai insiste para interna interna com as irmãs, único modo de continuar os estudos. Mariluce pensa no seu futuro como professora e não pensou mais em se tornar irmã. «Como interna ficava com as meninas que faziam experiência vocacional. Frequentemente eu me confrontava com elas e comecei a me questionar. Estava inquieta, mas não falava com ninguém. Ia diariamente à Missa. Certa noite, na hora da boa-noite, uma irmã deu o seu testemunho vocacional, escutei com muita atenção e algumas coisas que ela dizia eram exatamente as que eu estava vivendo. Rezava ao Senhor, queria entender, mas opunha muita resistência. Fiquei assim por três anos. No terceiro ano a diretora me chama e me diz: “Mariluce, você tem vocação” e eu lhe respondi: “Não irmã, a senhora não é Jesus”. Disse não, mas dentro de mim havia uma grande tensão».

Terminados os estudos, Mariluce começa a trabalhar em Pari Cachoeira como professora e lá permanece por dois anos. Compra o seu material e também um terreno para uma casa. «Todos os domingos eu sentia necessidade de comungar e ia pela manhã rapidamente de Bela-Vista a Pari Cachoeira, a pé, para a Missa. Antes de ir arrumava a casa e fazia a comida de modo que não pesasse para minha mãe. Ela me dizia: “Por que você vai? Rezamos aqui mesmo com a Palavra”, mas eu lhe respondia que queria receber Jesus na Eucaristia. Durante este tempo eu fazia oratório e catequese na comunidade de Bela-Vista».

Mas no final do segundo ano como professora, Mariluce percebe que não é feliz. «Materialmente eu tinha tudo, podia ajudar minha família, no fundo era aquilo com que sempre sonhara, mas não era feliz».

Fala com uma irmã e pede para fazer uma experiência com elas, e lhe respondem que já fazia tempo que a estavam esperando. «Sabia que deveria defrontar-me com outro modo de viver diferente do da minha casa, mas queria ser fma».

O povo de Bela-Vista não a compreende: «Eu dizia sou livre, a vida é minha, escolho livremente. Não entendiam como eu pudesse viver sem me casar, sem ter filhos e eu argumentava que quem tem vocação pode fazer assim. Cheguei ao aspirantado sem preparar nada, usava as mesmas roupas de casa, as irmãs me esperaram e me respeitaram». Durante o aspirantado escreve à sua mãe e ao seu pai dizendo que havia encontrado o seu lugar. «Fui muito aberta com as minhas formadoras, dizia-lhes: “Eu não sei rezar, Deus não fala comigo”. Todos os dias, então, minha assistente me chamava para meditar junto com ela, e assim fui aprendendo.

Quando comecei a meditar sozinha, encontrei a Palavra que sentia ser dirigida a mim: *Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi*. Logo depois da profissão ela volta a Pari Cachoeira e começa a prestar serviço às pessoas de sua comunidade e o povo a acolhe bem. «Eles começaram a me aceitar quando viram que eu permanecia fiel à minha vocação. Uma coisa bonita da minha cultura é a partilha. Compartilhamos tudo. Tudo se faz junto, tomam-se as decisões juntos e isso pude encontrar na comunidade das fma. Faz 10 anos que sou irmã e sou feliz».

arcrystaino@cgfma.org

VÍDEO por Mariolina Parentaler

O jovem de bicicleta *de Jean Pierre e Luc Dardenne – Bélgica/França/Itália 2011*

Os irmãos Dardenne com sua costumeira habilidade estilística propõem o fato de um menino de 12 anos, Cyril, órfão de mãe, abandonado pelo pai, que encontra em uma cabeleireira (Cécile de France, extraordinária) alguém que decidiu dar-lhe o afeto que procura. A vida de Cyril não será fácil: encontros traumáticos com o pai, crises histéricas, raivas não contidas, encontros com amigos perigosos...

Não obstante sua imagem de adolescente atormentado que persegue, montado numa bicicleta, a possibilidade de uma vida normal, o amor do pai, a amizade, restitui ao espectador um produto de ‘alta’ qualidade: que fica no coração e estimula ao empenho. Uma parábola tocante que tem a simplicidade e a força do cinema de um tempo atrás. Mesmo se a amargura continua presente, a diferença geralmente para os Dardenne, está em que é acompanhada por uma serenidade que sugere realmente o otimismo, abre-se à esperança e termina quase como uma fábula. A grandeza dos diretores belgas está em nunca usar um truque, uma palavra, um gesto que possa tocar o melodrama. Fieis a uma linguagem mínima sabem movimentar-se com equilíbrio entre a realidade e a ficção, tocando os vértices do “grande cinema”. Envolve, convence, comove, ensina.

Rumo a uma solução que chegará

“Como nasceu *O jovem de bicicleta*?” pergunta o entrevistador aos Dardenne. E Jan Luc: “A ideia nasceu durante uma permanência no Japão onde nos haviam contado a história de um filho que, por anos, esperara o pai que o havia abandonado em um orfanato, até que entra em cena uma mulher que o ajuda a libertar-se

da violência da qual é prisioneiro. A imagem que nos veio à mente por primeiro foi a deste rapazinho, este feixe de nervos, aplacado e acalmado graças a outro ser humano”. Ei-lo: Cyril, o verdadeiro protagonista do filme, com seus doze anos e um pai insensível que não o quer mais. ‘Confinado’ em um centro de acolhida para a infância e confiado aos cuidados dos seus assistentes, o menino não se encaixa e, obstinado, empenha-se numa batalha pessoal contra o mundo e contra aquele ‘não-pai’ que tentou ‘afastá-lo’, deixando-lhe uma motocicleta. Trata-se de Guy, um cozinheiro e pai inadequado – com muitos problemas também econômicos – que, depois da morte da avó, decide desaparecer da vista do filho que acabou indo para uma Instituição. Ali vem visitá-lo de vez em quando uma jovem cabeleireira, casualmente conhecida durante a enésima fuga do centro, Samantha (uma credibilíssima Cécile de France): decide ajudá-lo e se oferece para hospedá-lo em casa nos finais de semana. Mesmo se a relação que se instaura entre eles seja simples e privada de introspecções psicológicas declaradas, não é fácil. Cyril é difícil e problemático: não é totalmente consciente do afeto desta mulher dulcíssima, aceita-a apenas na necessidade desesperada de apacuar sua raiva. É um rapazinho “do contra” que muitas vezes briga com seus coetâneos, deixa-se atrair por um *bully* do bairro que o leva a sair-se mal diante da lei e a ferir profundamente Samantha. Mas quando tudo parece caminhar para o pior e a polícia chega, os irmãos Dardenne surpreendem com um final aberto e positivo que ilumina o todo: um passeio sobre duas rodas com grande força expressiva-criativa. Uma corrida de uma dupla em sintonia que cura qualquer sofrimento, regenera para o amor e no amor. «*O jovem de bicicleta* concentra todo o desespero do mundo em um rapazinho de cabelos loiros e camisa vermelha. Um filme pedagógico com os afetos à altura de uma trama de suspense, porque as crianças, talvez, não lutam por algo secreto ou para salvar o mundo, mas pela própria vida» sintetiza eficazmente *O Mensageiro*. Um filme decididamente empático, escrito com uma habilidade e uma sinceridade inquietantes, enxuto e terno ao mesmo tempo, privado de pausas ou tempos inúteis, diretivo e interpretado magistralmente em Cyril – pelo extraordinário Thomas Doret na sua primeira experiência cinematográfica – como em Samantha. Esplêndida e perfeita no seu papel é a amiga que o ajuda a reencontrar sua adorada bicicleta, uma mãe pronta a consolá-lo, a bloquear suas mãos nas crises de automutilação e dar-lhe todo o seu amor. Mulher consciente e forte que decide sacrificar a própria vida de casada para salvar aquela vida jovem da raiva e do sofrimento que escava dentro dele. Se – como sustentava Luigi Comencini – colocar-se ao nível da infância é o único modo de libertá-la, os Dardenne o confirmam e relançam a mensagem acompanhando a corrida de Cyril rumo à aterrissagem consciente alcançada com um novo elemento: o amor.

PARA REFLETIR

O tema do filme: É uma ‘crônica’ sobre o adolescente que, mesmo com seus constantes acentos realísticos, tende a propor-se como um conto de fadas - Quisemos fazer um filme como uma espécie de conto de fadas – afirma Jean Pierre na sala de imprensa – com pessoas maldosas que fazem o menino perder suas ilusões e Samantha que surge como se fosse uma fada.

A certa altura tivemos a ideia de intitulá-lo “Contos dos nossos tempos” (Uma fábula dos nossos tempos). No relato está presente a cidade, mas também o bosque que a circunda. Geograficamente havíamos pensado no filme como num triângulo: a cidade, a floresta, a estação de serviço.

O bosque é o lugar que representa uma tentação perigosa para Cyril: lá poderia ‘perder-se’, aprender a ser um vadio. A cidade representa o passado com seu pai e o presente com Samantha. A estação de serviço é o lugar de passagem no qual o enredo se desenrola em várias ocasiões. O script ‘magistral’ que daí brota parece escapular como uma breve crônica de jornal local, apenas mencionada e logo esquecida. «Mas a fábula permanece dentro de uma realidade precisa», pontualiza a CVF na avaliação pastoral da obra. Depois, referindo-se à responsabilidade dos adultos pais-educadores, acrescenta: «E os vazios de identidade moram entre nós».

O objetivo do filme: Uma mulher, uma ‘maternidade’ gratuita, suave e forte – que possa fazer sair da violência com seu amor. A obra insiste no interesse e empenho dos diretores em favor da infância incompreendida, que desafia e não se sujeita ao mundo dos adultos, mas exprime uma desesperada necessidade dele. A irrupção de um imprevisto ‘ato de amor’ irá subverter, até anular, a indiferença de um pai culpado pelo abandono e pela desorientação emotiva do filho.

Cyril, o “repudiado com os anos no bolso” que «resiste firmemente com cara fechada ao vazio afetivo que o circunda, pedalando dentro e através do medo, trancando-se no silêncio ou fazendo o diabo a quatro», vai conseguir opor-se ao risco da delinquência apenas ‘agarrando-se’ e apoiando-se fortemente a uma figura feminina ‘atingível e bela’ como uma mãe.

É Samantha, o rosto e o corpo que Cyril, adolescente órfão quer para si, a figura materna que – sem o saber – pretende e invoca. A quem se dá, e em quem confia. Cécile France – verdadeiramente credível e solar – interpreta-a de maneira límpida, na figura de uma mulher combativa, mas muito determinada e consciente das dificuldades que a relação entre ela e Cyril comportará. Não perca.

ESTANTE VÍDEOS por Mariolina Parentaler

TODOS POR UM – Romain Goupil – França 2010

Rodado magistralmente a um metro e não mais de altura, este filme *que lembra Truffaut*, conta com um extraordinário elenco de pequenos atores espontaneamente 'excelentes', com a interpretação intensa de Valéria Bruni Tedeschi. Como assistente de Godard e Polanski, o diretor Goupil já relata como teve a ideia do filme: "Em 2007, quando Sarkozy procurou seduzir a extrema direita, decretou uma política de regresso forçado também para as famílias e as crianças que provocou em mim uma total repugnância, um sentimento de revolta. Fiz este filme não para denunciar, mas para renascer, para ver o absurdo em que vivemos". A trama fala de um grupo de meninos da periferia de Paris que excogita um protesto original para salvar da expulsão sua companheira chechena, ainda clandestina. É Milania que o filme imagina em 2067 – quase sexagenária – lembrando de tudo o que havia acontecido em 2009, quando na sua escola Youssef, sem documentos, fora expulso. Pouco depois a ameaça toca a ela e à sua família. É então que alguns amiguinhos juram ficar sempre juntos e organizam uma fuga para escondê-la. Naturalmente serão descobertos, mas sua ação deixa a marca de um grande apelo: "Não rejeitar, mas ajudar a conviver".

Dividido entre a rejeição pela brutalidade das leis e o estupor pela infância, entre a emergência dos 'sem permissão' e a urgência de crescer todos juntos, Roman Goupil – diretor não novo para enfrentar películas de forte valor social – segue a intuição de entregar-se ao ponto de vista puro e não ideológico dos meninos.

No cenário, entre assembleias, debates familiares e intervenções policiais, aparecem também os adultos dos quais registra as incertezas, a cautela, a indignação, a tendência ao compromisso, mas o frescor, a graça e o humorismo da narrativa com seus personagens coloridos, são os vencedores.

MULHERES DO 6º ANDAR - Philippe Le Guay – França 2011

Um filme divertido que representa "a eterna relação entre empregados e patrões", mas evita habilmente os lugares comuns. Estamos em Paris em 1962, os anos nos quais "o povo migrante do além Pirineus" foi registrado como um fenômeno na França.

A particular configuração arquitetônica dos condomínios burgueses parisienses construídos a cavalo entre o 800 e o 900, havia favorecido uma rígida divisão social: no sótão alojavam-se os empregados enquanto nos andares moravam as famílias para as quais prestavam serviço. É o caso do filme. Quando a empregada doméstica do casal Joubert pede demissão, a senhora Suzanne a conselho das amigas decide-se admitir, no seu lugar, exatamente uma dentre "As mulheres do 6º andar": a camareira espanhola Maria. Irrepreensível no seu serviço conquista bem depressa a confiança dos dois, um casal rico, mas fossilizado em uma vida monótona, vazia e formal. Sobretudo a do Sr. Jean-Louis, titular de uma respeitada agência de investimentos, mimado e metódico, mas, sobretudo, "vulnerável" defronte ao calor humano e à contagiosa alegria que descobre e que se respira 'no 6º andar' do seu imóvel. Uma comunidade cheia de vida e variegada onde há briga, baile, provocações, mas, sobretudo, ajuda e amor recíproco. E é aqui que o filme encontra sua energia e seu divertimento, neste convincente retrato de duas faces: o frio mundo da burguesia parisiense e a calorosa solidariedade das «mulheres do sexto andar». O diretor é hábil e sutil ao utilizar a descoberta deste microcosmo feminino como pedra angular para a progressiva evolução de Jean-Louis sacudido por este universo tão diferente do seu.

ESTANTE LIVROS por Adriana Nepi

CORPOS À VENDA – Fortunato Di Noto – LDC 2010

Não há excesso em definir como herói este impávido padre siciliano que luta há anos em defesa das crianças, contra aquela perversão do mal chamada, impropriamente, pedofilia. Quanto seja dura e arriscada sua luta compreende-se lendo estas páginas. Dorme pouquíssimo, porque passa as noites explorando os sites dos infelizes que atentam contra a inocência e a vida dos pequenos.

Desde a adolescência era um tipo um pouco rebelde, mas sedento de bondade e de justiça. Lembra de ter recebido uma sólida formação espiritual na Juventude Estudantil de Dom Giussani; ia com o seu grupo prestar serviço nos orfanatos e ficou profundamente marcado ao entrar em contato com criaturas sozinhas e abandonadas. Logo amadureceu nele a propensão para ocupar-se dos últimos, dos mais necessitados.

Permanece memorável em sua vida aquela tarde de inverno em que, ainda jovem sacerdote, ouviu bater à porta e se viu diante de um vagabundo que lhe pedia um par de meias. Abriu um armário, mas encontrou apenas as meias de fio de Escócia calçadas na sua ordenação e não teve coragem de lhe doar. Aos prantos naquela noite de insônia o padre Fortunato volta a pensar na sua decisão de dar-se inteiramente aos pobres e aos pequenos. Em breve, com a chegada das novas tecnologias vem a descoberta chocante que marcou sua particular vocação. Incompreensões, ameaças de morte, ciladas e obstáculos de todo gênero não detiveram a determinação intrépida deste padre, agora conhecido e estimado no mundo inteiro, empenhado em uma batalha que parece não ter fim. Com a mesma lógica de Madre Teresa: se salvar uma só criança, valerá a pena.

QUANDO O SILÊNCIO FALA – Tim Peeters – Paulinas 2011

Em 2008, o jovem autor conseguiu em Lovaina, por esta obra, o “Prêmio do livro religioso”. Nós, de vida ativa, talvez tenhamos ficado perplexos diante do subtítulo: *A vida dos Cartuxos*. Mas aqui não se trata simplesmente de entrar e curiosar os segredos da grande Cartuxa. O que pertence ao corpo vivo da Igreja tem, para todos, uma palavra universal. “O silêncio não é ausência, mas uma caixa de ressonância: faz ouvir uma Palavra que de outro modo não seria ouvida”. Não é pedida, a quem quer que seja, uma escolha tão radical, mas o chamado vale para todos. Dom Bosco não nos queria contemplativas na ação? E, no fundo, o que é a contemplação senão aquele silêncio da alma que faz ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus? Poder-se-ia pensar que uma vocação tão rara estabeleça os chamados numa esfera por assim dizer já escatológica, mas não é assim: o caminho que leva a Deus é, para todos, um caminho trabalhoso de subida, que conhece as trevas e as vertigens da Ausência. Uma vocação privilegiada, indubitavelmente, mas, como todos os dons que descem gratuitamente do alto, deve ser paga com um alto preço. Escutemos o que um daqueles monjes diz (bem, talvez... para o nosso conforto) a respeito da oração: “Parecerá estranho, mas a coisa mais difícil, a verdadeira batalha do monge é a oração... A oração cresce e amadurece junto com o monge, torna-se o seu contínuo espelho, a medida do seu viver... O monge nunca deverá pensar que já sabe rezar, deverá estar sempre na atitude de quem pede: ‘Senhor, ensina-me a rezar’... E é Maria que nos ensina que a melhor escola de oração é rezar pelos outros”.

O LIVRO

Nada é mais intacto do que um coração partido

Vanna De Angelis - PIME 2011

«A bisavó lhe contara sobre a guerra. Uma história insuportável, mas a bisavó insistia em repetir, para ensinar-lhe do que eles são capazes». Eles eram os *gagé*.

O romance é conduzido sobre o fio daquelas memórias: acompanha uma família de nômades com suas vicissitudes até o horror de um campo de concentração nazista, no tempo da segunda guerra mundial. A autora, no posfácio, agradece aos que a ajudaram, e apresenta suas credenciais: muitas pessoas, pela experiência direta de terem vivido ao lado dos nômades ou através de estudos de caráter histórico, lhe forneceram o material indispensável para bem ambientar o relato.

Os ciganos – quem não sabe? – sempre foram musicistas, mesmo não sabendo escrever e ignorando as notas musicais. Os membros da família de Dusan, o jovem cigano que será um dos protagonistas da comovente história, são de geração em geração músicos insuperáveis. Apoiado casualmente no muro externo de uma igreja, o jovem escuta um som jamais ouvido: o órgão, alguém está tocando Bach. Dusan fica enlevado, extasiado. Mas, outra emoção o surpreende contemporaneamente: assiste de longe a violência de um nazista que arrastava pela rua uma indefesa e aterrorizada menina judia. A história se desenvolverá sobre este contraponto do bem e

do mal, da felicidade e da dor. A música é alegria, beleza, luz, é o voo da alma. A violência é treva, destruição, desespero.

Nos territórios da Europa invadida pelos nazistas já se realiza a feroz perseguição aos judeus, já está no ar o pressentimento, o medo de que o ódio racial esteja para abater-se também sobre os ciganos. Os deslocamentos, habituais para um povo nômade, tornam-se pouco a pouco uma fuga contínua em busca de esconderijo. Enquanto os acompanhamos neste contínuo viajar, entramos em sua vida, visitamos o interior de suas carroças, descobrimos usos insuspeitados que revelam uma diferente, mas nobilíssima cultura, ouvimos as conversas ao redor do fogo no meio da alegre gritaria das crianças, presenciamos delicadas histórias de amor.

Sucedem que um paraquedista do exército americano, depois revelado judeu, aterrissa acidentalmente próximo ao acampamento deles. Sabem que é muito perigoso esconder um judeu, mas para eles a hospitalidade é sagrada. O homem se chama Freud e acaba por sentir-se em família, entre os ciganos. Observa o seu modo de viver no cotidiano: eis que deram alguma ordem a um menino, e ele diz que não aguenta mais, que já está muito cansado. A velha Jeta (outro personagem chave), enérgica como um comandante, atenta como uma mãe, chama-o para perto de si: não aguenta mais? Em resposta lhe dá bofetadas estrepitosas até que o menino que não conseguia manter-se em pé por causa do cansaço, de repente se transforma: fica com raiva, pronto para dar um salto, para levantar-se não só diante dela, mas, sobretudo, diante de si mesmo. É isto que vale para um cigano. E agora, a sábia Jeta sorri, vendo-o sair correndo disposto a ajudar, como lhe haviam pedido. Se Jeta diz a uma jovem "vamos!", ela não pergunta para onde, levanta-se e vai. Não se fazem estas perguntas para Jeta. Se ela lhe diz "vamos", você vai e basta. Se não, para que serve envelhecer? Com os pais, com os anciãos não se discute, não se falta ao respeito

E então, que sombrio pudor, incompreensível à nossa moderna desenvoltura! E sobre um pedestal ideal colocam a mulher: que conforta e faz de você um homem, é ela que o faz compreender que você é diferente de um bicho feroz!

Freud olha, escuta e reflete: estes ciganos são um povo pacífico, nunca fizeram guerra a ninguém e jamais inventaram armas mortíferas, não se destroem mutuamente, no máximo fazem uma bela rixa e, logo em seguida, já estão unidos para festejar. Não conhecem as prisões, não torturam, jamais lhes veio à mente enforcar ou queimar alguém vivo, como muitas vezes temos feito.

Dá para pensar que sejam "algo misterioso e intacto que permanece fluando no rio da nossa história" feita de massacres, lutas pelo poder, prevaricações. Há quem os considere privados de senso moral, no entanto eles não prostituem as mulheres por dinheiro, respeitam os velhos e as crianças, consideram sagrados os vínculos matrimoniais, sagrada a hospitalidade. E, enfim, Freud aprecia sua alegria, sua música, suas conversas ao redor do fogo...

Mas, eles roubam, dizemos nós. Sim, porém, nunca arrombaram um banco. E escutemos então a velha Jeta: "Para os gage nós somos todos iguais. Não são talvez muitos, muitíssimos os que são chamados ciganos? Mas se são poucos os que roubam, aqueles poucos aparecem como se fossem todo o mundo cigano!".

O que vai acontecer ao precipitar-se a situação, quando, nos horrores dos campos de concentração, um povo livre e pacífico deverá sofrer as mais atrozes violências, é já previsto no desenrolar rápido dos acontecimentos, e dá a todo o relato um tom triste próprio da elegia. Terminada a guerra, será erigido um monumento às vítimas da loucura nazista. Para a inauguração serão convidados os sobreviventes. Os ciganos ficarão fora do recinto.

E hoje? Jorvanenka, a jovem cigana cuja voz nos transmitiu as memórias da bisavó, lembra a última irrupção da polícia italiana para limpar o campo. Geralmente chegam de manhã, colocam as pessoas fora dos barracos, insultam, borrifam em toda parte uma poeira para a desinfecção - é assim que a chamam: eles a borrifam também no pão, na água, nas papas das crianças... tudo para ser jogado fora, depois. Podemos nos acostumar com a polícia que nos rouba o sono gritando, assustando as crianças, tratando-nos como animais? Sim, a gente se acostuma.



140 anos de vida do Instituto

Era um dia aparentemente como os outros
aquele 5 de gosto de 1872, quando 15 jovens
se consagraram ao Senhor
dando vida ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.
Para selar aquela aliança de amor
estavam Dom Bosco, Dom Pestarino, Mons. Sciandra.

Aquele primeiro sim foi fecundo no tempo para outros sim.
Mornese, daquele nada que era,
tornou-se o coração pulsante das FMA,
a direção para a qual volver o olhar,
a fonte onde renovar continuamente o espírito
para guardá-lo fresco e genuíno.

*Da mensagem da Madre
por ocasião da abertura do 140º ano
de fundação do Instituto*



...PALAVRAS



**NÓS NUNCA SABEREMOS
QUANTO BEM
PODE FAZER
UM SIMPLES
SORRISO.**

MADRE TERESA
DE CALCUTÁ